

RASURAS GRAPIÚNAS:

linguagem, memória, história e gênero
na obra de Euclides Neto



Universidade Estadual de Santa Cruz

GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA

JERÔNIMO RODRIGUES - GOVERNADOR

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO

ADÉLIA MARIA CARVALHO DE MELO PINHEIRO - SECRETÁRIA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ

ALESSANDRO FERNANDES DE SANTANA - REITOR

MAURÍCIO SANTANA MOREAU - VÍCE-REITOR

DIRETORA DA EDITUS

Rita Virginia Alves Santos Argollo

Conselho Editorial:

Rita Virginia Alves Santos Argollo – Presidente

Angye Cássia Noia

Antônio Carlos Luz Costa

Cacá Gonçalves

Cláudia Ribeiro Santana

Eduardo Lopes Piris

Jussara Tânia Silva Moreira

Lurdes Bertol Rocha

Marcial Cotes Jorge

Maurício Santana Moreau

Mauro de Paula Moreira

Rita Jaqueline Nogueira Chiapetti

Ronan Xavier Correa

Sabrina Nascimento

Rita Lírio de Oliveira

RASURAS GRAPIÚNAS:

linguagem, memória, história e gênero
na obra de Euclides Neto

Ilhéus - Bahia



Editora da UESC

2023

Copyright ©2023 by RITA LÍRIO DE OLIVEIRA

Direitos desta edição reservados à
EDITUS - EDITORA DA UESC

A reprodução não autorizada desta publicação, por qualquer meio,
seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

Depósito legal na Biblioteca Nacional,
conforme Lei nº 10.994, de 14 de dezembro de 2004.

CAPA E ILUSTRAÇÕES

Jean Louiss Vasconcelos Rodrigues

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Varnei Rodrigues - Propagare

FINALIZAÇÃO

Álvaro Coelho

REVISÃO

Tikinet edição LTDA
Roberto Santos de Carvalho

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

F862

Oliveira, Rita Lírio de

Rasuras grapiúnas: linguagem, memória, história e gênero
na obra de Euclides Neto / Rita Lírio de Oliveira – Ilhéus,
BA: Editus, 2023.

256 p.

Referências: p. 241-249.

ISBN: 978-85-7455-555-3

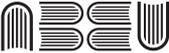
1. Regionalismo na literatura - Bahia. 2. Euclides Neto,
1925-2000 - Crítica e interpretação. 3. Literatura brasileira -
Crítica e interpretação. 4. Literatura e história. I. Título.

CDD 869.13

Elaborado por Quele Pinheiro Valença – CRB 5/1533

EDITUS - EDITORA DA UESC
Universidade Estadual de Santa Cruz
Rodovia Jorge Amado, km 16 - 45662-900 - Ilhéus, Bahia, Brasil
Tel.: (73) 3680-5028
www.uesc.br/editora
editus@uesc.br

EDITORA FILIADA À


Associação Brasileira
das Editoras Universitárias


ASOCIACIÓN DE EDITORIALES
UNIVERSITARIAS DE AMÉRICA
LATINA Y EL CARIBE

DEDICATÓRIA

Àqueles que amam a Terra Grapiúna e sua Literatura,

Àqueles que entendem que a história pode ser recontada pelo viés da cultura contra-hegemônica,

Aos trabalhadores e trabalhadoras das roças de cacau e gado da nossa região,

A todos os meus familiares e amigos queridos,

Especialmente, à minha mãe Maria Lyrio e ao meu pai, Waldemar Cardoso (*in memoriam*),

À família e amigos de Euclides Neto.

Aos Mestres que estiveram presentes em minha trajetória acadêmica no Ensino Superior (UESC/UFBA).

AGRADECIMENTOS

Inicialmente, ao Divino Criador, fonte de luz e sabedoria.

Reconhecendo o apoio, o valor das trocas de saberes e solidariedade, agradeço, carinhosamente:

Aos escritores grapiúnas e aos autores de livros e artigos que construíram a fortuna crítica do autor, citados no percurso textual, com os quais pude dialogar e debater criticamente.

Aos amigos, colegas e Mestres da Universidade Federal da Bahia (UFBA), pelo convívio, orientações e discussões acerca da Literatura Brasileira Contemporânea e Cultura.

À Maria de Lourdes Netto Simões (Tica/UESC), especialmente, pela amizade, por suas considerações críticas e manifestações de encorajamento e incentivo à elaboração desta obra.

Aos Professores Maria Luiza Andrade (Baísa/UESC), Débora Chaves, Iolanda Costa, Ricardo Dantas, Romilton de Oliveira, pelo carinho, amizade e ricas contribuições e reflexões.

À Lucicleia Passos e André Luiz Santos Araújo, pela parceria crítica na revisão deste trabalho; tarefa que exige atenção e competência.

À Editus (UESC), pela atenção, revisão final e diagramação do texto.

PREFÁCIO

Como é sabido, o termo *grapiúna* tem sido referido para indicar, cultural e geograficamente, o painel humano da Região Cacaueira da Bahia, dando-lhe singularidade identitária. Neste livro, ao se ocupar de Rasuras Grapiúnas, Rita Lório ressalta a resistência da narrativa de Euclides Neto em relação ao esquecimento do trabalhador subalternizado, revendo a circunstância social dos romances regionalistas de 30, do Ciclo do Cacau da Literatura Brasileira.

Largamente abordada por aquela geração de ficcionistas, especialmente Jorge Amado, a conquista das terras da Região Cacaueira era focada sempre da perspectiva dos coronéis, quando o cacau era o centro gerador de toda a dinâmica sociocultural, termômetro das alegrias e tristezas da sua gente. Então, o fazendeiro e o trabalhador rural, componentes primeiros do acontecer regional, detinham os traços culturais básicos e se constituíam em matrizes do perfil da região. A ambição, a busca do ter, do poder, o abuso da força do fazendeiro se contrapunham à submissão, à ignorância dos trabalhadores rurais.

Integrando a geração de 1945 dessa referida região baiana, Euclides Neto, atento à linguagem, tem o olhar voltado para as minorias sociais, focando o anti-herói, notadamente os trabalhadores e as trabalhadoras rurais. Diferentemente da geração de 30, olha-os de perspectiva contraideológica; traz os excluídos para o seu foco ficcional.

Rasuras grapiúnas: linguagem, memória, história e gênero na obra de Euclides Neto é o segundo livro de Rita Lório sobre a obra euclidiana. Neste, a autora alarga e aprofunda a proposição que realizou em *A palavra e o tempo, de Euclides Neto: um garimpeiro da identidade cultural grapiúna*, publicado pela Editus, da Universidade Estadual de Santa Cruz. Realizando a mesma estratégia de diálogo intratextual, agora aborda as narrativas que tratam dos excluídos: *O patrão* (1978), *Os magros* (1992) *Machombongo* (1986), *A enxada e a mulher que venceu seu próprio destino* (1996). Ainda estabelecendo “pontes” com o *Dicionareco das roças de cacau e arredores*, amplia, com propriedade e argúcia, o seu foco de pesquisa, ultrapassando os aspectos identitários de ruralidade, debruçando-se também na análise da especificidade e peculiaridade do linguajar dos trabalhadores grapiúnas.

Agora, ao utilizar a estratégia de analisar as rasuras dos perfis dos personagens grapiúnas, Rita Lírio toma o termo no sentido que lhe empresta Stuart Hall (1997) de “contestação do regime racializado das representações”. Na introdução, no entanto, ela tem o cuidado de observar que rasura é um conceito usado por Jacques Derrida, porém ela o tomará em outra acepção, “levando em consideração as discussões teóricas apontadas por Hall (1997)”. Quanto à grapiúna, também vale observar que, inicialmente, o termo foi utilizado por muitos em acepção pejorativa; mais recentemente, passou a ser empregado como marca identitária. Assim é para a autora, nessa acepção mais moderna: as rasuras são marcas de força, identificadas no perfil grapiúna, marcas que dão visibilidade para um outro olhar sobre o painel humano regional.

Rita Lírio apresenta a sua argumentação nos três capítulos que integram o livro. Explicita, desde o seu título, *Rasuras grapiúnas: linguagem, memória, história e gênero na obra de Euclides Neto*, os conceitos-chave que sinalizam a sua postura teórico-metodológica. Ressalto a propriedade do título, que aponta uma abordagem de perspectiva abrangente quanto à linguagem e, também, da perspectiva cultural. Fica, portanto, clara a sua proposição de investigar, conforme já anuncia na introdução, “os elementos de linguagem, memória, história, gênero, classe, ruralidade e poder presentes nas obras ficcionais acima citadas, em diálogo com as referências contidas no texto cultural Dicionareco das roças de cacau e arredores” (TEIXEIRA NETTO, 2013a), a fim de compreender as diversas representações dos(as) trabalhadores(as) rurais no espaço geossociocultural grapiúna. Aqui, resalto o oportuno e enriquecedor da abordagem em diálogo, quando os textos ficcionais “conversam” com o Dicionareco. Essa obra, mais que um dicionário, é singular trabalho cultural de garimpagem da cultura regional. Como referência da sua abordagem, ao retomar a denominação *Tetralogia dos Excluídos*, de Eliéser Cesar, ultrapassa o foco da subalternização, para a discussão da linguagem que a expressa. Dessa forma, metodologicamente, ao estabelecer o diálogo com o Dicionareco, resalta também o aspecto singular e cultural da obra euclidiana.

No capítulo “Um Olhar sobre a Tetralogia dos Excluídos”, o mais alentado do seu trabalho, a autora faz um introito, no qual sintetiza as obras a serem discutidas, inclusive as relacionando com o romance de trinta, da literatura brasileira; depois em dois subitens desse capítulo. Ocupando-se da linguagem, enfatiza o trato da oralidade, a sua riqueza expressiva e carga ideológica. É de ressaltar a discussão sobre o conceito de cultura que percorre várias acepções críticas e chega ao sentido largo que considera o multiculturalismo e os processos de hibridização.

Ainda analisando a linguagem euclidiana, Rita Lírio afirma que “a linguagem presente nos textos ficcionais é repleta de arcaísmos, hibridismos, neologismos e metáforas construídos pela inventividade do falante grapiúna no processo de interação social”. Sobre provérbios, “concebidos como práticas linguístico-discursivas”, observa

que esses estão inseridos num contexto histórico-social da zona cacauera, destacando, com pertinência, que Euclides Neto “soube valorizar a linguagem peculiar da gente simples grapiúna, como principal ferramenta de criação e construto de identidade”.

O capítulo “Euclides Neto: Representação, Memórias e Histórias”, estruturado em duas seções, ocupa-se dos livros *Os magros* e *O patrão*, na primeira; e, com base no mesmo suporte teórico, na segunda, de *Machombongo* e *A Enxada...*. Aí, a pesquisadora discute referências históricas, questões sociais, por fim, afirma: “o autor faz da sua literatura um instrumento contra o esquecimento daqueles que estiveram por muito tempo à margem...”. Conclui dizendo que Euclides Neto denuncia “a institucionalização das relações de poder entre trabalhadores rurais e proprietários de terra”.

O último capítulo, “Relações de Gênero, Classe, Ruralidade e Poder representadas em obras euclidianas”, embora siga com o eixo temático do trabalho (representações dos trabalhadores e trabalhadoras rurais grapiúnas), especialmente discute as diversas representações da mulher trabalhadora nas roças de cacau, inclusive suas relações de poder; afirma, por fim, a escrita politicamente engajada de Euclides Neto.

Rasuras grapiúnas: linguagem, memória, história e gênero na obra de Euclides Neto é um texto original, perscrutador e de interesse. Sem dúvida, com ele, Rita Lírio vem enriquecer a fortuna crítica desse singular escritor que é Euclides Neto, trazendo importante contribuição para os estudos da Literatura Brasileira.

Maria de Lourdes Netto Simões
Ilhéus, setembro de 2020.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	17
UM OLHAR SOBRE A TETRALOGIA DOS EXCLUÍDOS: O AUTOR E SUA LITERATURA DE DENÚNCIA	29
I.1 – Diálogos entre <i>Os magros</i> , <i>O patrão</i> e <i>Machombongo</i> : representações dos trabalhadores rurais grapiúnas	49
I.2 – A linguagem popular do trabalhador rural: oralidade, discurso e poder.....	78
I.3 – Gênero da Literatura Oral “provérbios” na narrativa <i>Os magros</i> : discurso e ideologia.....	90
EUCLIDES NETO: REPRESENTAÇÃO, MEMÓRIAS E HISTÓRIAS	101
II.1 – Memórias e histórias representadas em <i>Os magros</i> e <i>O patrão</i>	103
II.2 – O contexto histórico sul-baiano representado nas narrativas <i>Machombongo</i> e <i>A enxada e a mulher que venceu seu próprio destino</i>	129
RELAÇÕES DE GÊNERO, CLASSE, RURALIDADE E PODER REPRESENTADAS EM OBRAS EUCLIDIANAS.....	165
III.1 – Representações das mulheres trabalhadoras rurais em <i>Machombongo</i> e <i>A enxada e a mulher que venceu o seu próprio destino</i> : rasuras da subalternidade.....	167
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	233